

Narração esportiva no rádio: subjetividade e singularidade do narrador

Ednelson Florentino da Silva

Professor da Fatea de Lorena. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté.

RESUMO

A linguagem radiofônica, a utilização das linguagens verbal e não-verbal, a formação profissional e a constituição do sujeito narrador são consideradas como fatores que contribuem para a composição do discurso radiofônico. Para essa análise, foram utilizadas narrações de duas partidas de futebol, realizadas por dois narradores diferentes, de duas emissoras paulistas também diferentes, para que se pudesse observar a regularidade discursiva e a constituição, a partir da subjetividade, da singularidade do narrador de futebol. Procurou-se entender como se dá essa relação e que modificações ela promove em seus participantes. Para esse entendimento, foram utilizadas as teorias da Análise de Discurso de linha francesa, essenciais para a compreensão dos sujeitos presentes nessa interlocução, as formas de recepção dos enunciados e as modificações de sentido promovidas neles e a partir deles.

Palavras-Chave

Linguística Aplicada; Análise de Discurso; Linguagem Radiofônica; Narração Esportiva

Abstract

The radio language, the use of verbal and non-verbal languages, the professional background and the constitution of the narrative character are considered factors which contribute on the composition of this speech. For this analysis, two narrations, of two different soccer games, done by two different announcers, from two also different radio stations of São Paulo, Brazil were used, so that the discursive regularity and the constitution, considering the subjectivity and singularity of the soccer game announcer, could be observed. Another considered aspect in the formulation of this speech was the existent relationship among the characters involved in the sport transmission, starting with the attendant, passing by the reporters, commentators, the athletes and coaches, reaching the announcer, responsible for the conduction of the journey. It was intended to understand how these relations take place and what changes they promote on their members. To comprehend this, French speech analyses theories were used, being essential for the understanding of the characters present on this communication exchange, the speech reception ways and the sense changes promoted on them and by them.

Keywords

Applied Linguistics; Speech Analyses; Radio Language; Sport Narration

Introdução

Este trabalho surge da união de duas paixões: o futebol e o rádio. A relação entre ambos é registrada desde o início da implantação desse veículo de comunicação no Brasil, por volta da década de 1920. Aos poucos, ela foi se estreitando e hoje as transmissões de futebol são uma realidade em, praticamente, todas as emissoras instaladas no país. O torcedor encontra no rádio a possibilidade de acompanhar as partidas do clube pelo qual tem simpatia e, em muitos casos, verdadeira paixão. Em busca de cativar esse ouvinte, que, antes de tudo, é um torcedor, as emissoras apostam em jornadas esportivas que criem antes, durante e depois dos jogos emoções suficientes para que esse ouvinte/torcedor permaneça sintonizado nessa emissora. Nesse sentido, o ouvinte/torcedor passa a ser um interlocutor que desempenha um papel social nessa jornada. Sendo o rádio um meio de comunicação, observa-se que existe um bom número de publicações que aborda sua estrutura, sua linguagem, mas que pouco espaço dedica às transmissões esportivas. No caso do futebol, a situação é semelhante, pois ao tratar do tema, nem sempre as publicações dedicam atenção à forma como esse esporte chega até a massa de torcedores que lota os estádios, por todo o país. Diante dessas duas situações, encontramos espaço para discutir a linguagem utilizada por esse veículo de comunicação no momento da transmissão de uma partida de futebol. A análise da linguagem é essencial, desde seus conceitos ligados diretamente ao veículo rádio, como sua forma particular de ordenar frases e palavras, até a utilização de ferramentas que contribuem para a formação da mensagem radiofônica. Entre essas ferramentas estão as frases curtas, os verbos de ação, os efeitos sonoros, a maneira como ocorre a participação dos membros das equipes esportiva. As hipóteses apresentadas no presente trabalho são: 1) A narração esportiva é calcada no narrador. 2) O gênero discursivo da narração esportiva é comum ao gênero rádio, independente da emissora, sendo o improvisado apenas o instante da narrativa, ou da descrição das jogadas, pois o conjunto dos acontecimentos, como a participação dos demais membros da transmissão, segue regras preestabelecidas. 3) Singularidade do narrador apreço, então, como estilo criado a partir das marcas definidas por ele, que se apresenta, dessa forma, como sujeito na narração. Diante disso, o objetivo desse trabalho é encontrar as marcas enunciativas e entender a articulação das idéias no momento da descrição das jogadas e a intenção de realizar, a partir delas, a interlocução com o ouvinte/torcedor.

Nesse sentido, os sujeitos da narração esportiva têm sua participação analisada, a partir figura do narrador, que é o “comandante” de toda a jornada realizada durante a transmissão de uma partida de futebol. Fala-se de sujeitos porque, ao tratar esse esporte, devem ser considerados os conceitos ideológicos, já que o ouvinte, nesse caso ocupando a posição de interlocutor, é, via de regra, um torcedor, que fez, ainda na infância, a escolha por um time, que é comumente chamado de “clube o coração”, por exemplo. Para essa análise, escolhemos partidas transmitidas por duas emissoras de rádio AM de São Paulo, CBN – Central Brasileira de Notícias - e Record, por se tratarem de veículos que, há algum tempo, realizam transmissão de jogos que envolvem clubes importantes do futebol brasileiro, e por apresentarem linhas editoriais diferenciadas, com público-alvo também distintos. Primeiramente faz-se uma breve abordagem do caminho percorrido pela Linguística Aplicada para se firmar como área de pesquisa independente da Linguística. Também é traçado o percurso histórico do rádio, desde seu surgimento na Europa, sua chegada ao Brasil, a forma como foi se efetivando como veículo de massa e de grande influência na sociedade; sua utilização política por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo; e o início das transmissões esportivas. Em seguida, são apresentadas as fundamentações linguísticas que vão delinear os caminhos de análise percorridos por esse trabalho. A opção é pela AD de linha francesa, que fornece subsídios para o entendimento da forma como ocorre o processo enunciativo das transmissões esportivas, suas implicações e as modificações que promove nos participantes dessa enunciação. Após as fundamentações, há a apresentação do Corpus de pesquisa, a análise das transmissões de jogos realizadas por CBN e Record que envolveram as equipes de Corinthians, Botafogo e Palmeiras, com foco em alguns dos melhores momentos dos jogos, para que fosse verificada a linguagem. Nas considerações finais, ocorre a

discussão dos resultados obtidos pela pesquisa, a partir da maneira como as teorias linguísticas contribuíram para a realização das análises que foram feitas.

Linguística Aplicada e Comunicação Social

O trajeto percorrido pela Linguística Aplicada – doravante LA – para alcançar a importância e o reconhecimento que hoje em dia possui não foi tarefa simples. No começo, a LA teria sido vista como a aplicação de teorias e modelos linguísticos, com destaque à aprendizagem de língua estrangeira. No entanto, com o tempo, seu campo de ação foi se expandindo e as pesquisas foram sendo feitas também e outras áreas do ensino/aprendizagem de línguas, incluindo a língua materna, percorrendo campos como produção de textos e interação em sala de aula. Cada vez mais, ter a LA como subárea da linguística já não dava conta de todas as respostas para os questionamentos que surgiam. Na década de 1980, a LA se via atravessada por diversas outras disciplinas de âmbito social, como a Psicologia e a Sociologia. Na década seguinte, o campo de atuação da linguística se ampliou e começou a abranger contextos diversos como as relações de trabalho, de negócios, clínicas e terapêuticas, o que ajudava a caracterizar a LA como transdisciplinar (ROJO, 1996). Segundo Moita Lopes (2002), a definição dos limites de atuação da Linguística e da LA parecem hoje mais claros do que no passado, e a atenção pode ser voltada a outros pontos que ele considera mais importantes. Um deles seria discutir os paradigmas sob os quais a LA atua. Diante disso, ele expõe os pontos que podem ser considerados para a compreensão de como e onde atua essa linha de pesquisa e cita que tal entendimento é comum a outros autores, como Cavalcanti (1986), Celani (1992) e Kleiman (1992). No caso de pesquisas em LA que envolvam o campo da Comunicação Social a contribuição recebida pela LA é significativa, no instante em que os estudos consideram que a Comunicação Social se faz no uso da linguagem pelos profissionais que têm a responsabilidade de levar a seu público dados e informações, de maneira clara, objetiva, direta, abrindo espaço para o entendimento e a interpretação do que é transmitido pelos profissionais de comunicação.

Rádio: Veículo de Massa

Como meio de comunicação, o rádio é considerado veículo de massa, pois atinge um número imensurável de ouvintes, devido às suas características. Entre elas, segundo Beltrão (apud ORTRIWANO, 1985), esta a facilidade que o homem possui em captar e reter as mensagens falada e sonora de maneira simultânea, com a realização de outras atividades que não necessariamente receptivas. A ausência de imagem e a utilização da linguagem oral pelo rádio promovem um envolvimento entre locutor e ouvinte, fazendo com que seja criado o que Ortriwano (1985, p.80) chama de “diálogo mental” com o emissor. A audiência do rádio é rotativa, ou seja, a pessoa que agora está ouvindo uma determinada emissora pode não estar sintonizada nela daqui a alguns instantes. Por essa razão, as emissoras trabalham na tentativa de manter o ouvinte em sintonia o máximo que puderem, por questões de competitividade e pela necessidade financeira, já que a audiência pode levar à manutenção e conquista de patrocinadores. Nesse sentido, para se manter a atenção do ouvinte, a utilização correta da linguagem é segundo Porchat (1989, p.94), uma arma importante. No entanto, para a composição dessa linguagem, não basta considerar apenas a escolha correta das palavras, mas sim tudo o que envolve as condições de produção do enunciado. Além disso, é preciso considerar que o discurso apresentado pelo locutor só terá efeito se encontrar no ouvinte referências que permitam a decodificação. Ao entender que o enunciado carrega consigo significação, mas que ela só vai se materializar no entendimento do outro, consideramos que marcas sociais e ideológicas participam do processo de compreensão enunciativa. Sendo assim, a escolha correta da linguagem, como afirma Porchat, é importante, mas o entendimento de como se forma, se

transmite e se recebe os enunciados é fundamental para a efetiva relação entre os interlocutores, a ponto de haver a fidelização do ouvinte. Para alcançar o status de Meio de Comunicação de Massa (MCM), o rádio teve de passar por um processo de estruturação, desde sua criação, até o desenvolvimento que permitisse a captação das ondas eletromagnéticas, na forma como ocorre hoje, por meio de pequenos aparelhos, o que facilitou em muito o acesso a sua programação.

Entre os precursores da radiodifusão, um destaque especial pode ser dado ao padre brasileiro Landell de Moura que, apesar de não ter seus experimentos reconhecidos oficialmente como os primeiros capazes de utilizarem as ondas eletromagnéticas para a transmissão radiofônica, participou ativamente de pesquisas que versavam sobre o assunto. Segundo Fornari (apud COSTELA, 1984, p.156), “entre 1893 e 1894, Landell de Moura fez transmissões de telefonia sem fio em São Paulo”, que chegaram a atingir oito quilômetros de distância entre transmissor e receptor.

Rádio e Futebol, desde o Início, uma Fórmula de Sucesso

O esporte no rádio respeita as características básicas do veículo ao levar ao ouvinte os acontecimentos no momento em que eles ocorrem, direto das praças esportivas. Assim como em qualquer outro programa, o ouvinte, que liga o rádio em busca da informação esportiva, quer precisão e rapidez na divulgação dos acontecimentos. Porchat (1989) explica o que espera o público que acompanha uma transmissão esportiva pelo rádio e qual o papel do locutor nesse processo.

A relação entre esporte e rádio começou ainda na década de 1920, mas se firmou na década seguinte, 1930, com as primeiras transmissões esportivas, o que é considerado, por muitos, fator importante para transformar o futebol em esporte de massa. Soares (1984), no livro “A Bola no Ar”, aborda a história da transmissão esportiva, principalmente em São Paulo, mostrando como o esporte e o rádio se relacionaram, ao longo das últimas oito décadas. Muita polêmica cerca o início das transmissões esportivas pelo rádio. O pioneirismo de Nicolau Tuma é questionado por alguns autores. Seu pioneirismo é atestado por Soares pelo fato de ter sido o primeiro a ter realizado uma transmissão completa, dos 90 minutos de jogo, dando ao trabalho muito próximo do que é realizado hoje, no acompanhamento direto das jogadas, em um ritmo mais acelerado e na tentativa de passar a emoção dos acontecimentos em campo. Leopoldo Sant’Anna, em 1924, e Amador Santos, em 1927, são alguns dos narradores citados como antecessores de Tuma e verdadeiros pioneiros da transmissão esportiva no rádio. No entanto, as informações são tidas por muitos como contraditórias e a versão sobre Nicolau Tuma é a considerada a mais verdadeira. Com o investimento das emissoras na diversidade de sua programação, novos produtos começaram a surgir e o esporte foi se tornando cada vez mais interessante como forma de atrair ouvintes e patrocinadores. A força do esporte no rádio se ratifica ao se considerar que, dos produtos criados logo no início da implantação da radiodifusão, como as radionovelas e os programas de auditório, é o único que ainda resiste, e com grande força. Um aspecto citado por Soares (1994, p.26) como fator importante para o fortalecimento do esporte no rádio é o momento político e social do período de consolidação do rádio no Brasil, a década de 1930.

A autocensura foi instituída, com possibilidade de cassação da concessão das emissoras que se colocassem contra um governo que atravessava uma crise e tinha na imprensa um grande obstáculo para a manutenção do poder; o veículo que tinha necessidade de se firmar junto à sociedade e o futebol, um esporte que também se profissionalizava e necessitava de grandes públicos nos estádios, para uma arrecadação que permitisse bancar os custos (SOARES, 1994).

Em 1938, há o registro da iniciativa de formação de um dos primeiros pools de emissoras para uma transmissão esportiva. Segundo Milton Jung, a preocupação do governo com as consequências que isso poderia causar, entre elas o fortalecimento das emissoras e uma possível utilização da rede para disseminação de ideologias contrárias ao sistema de governo imposto governo Vargas fez com que não houvesse autorização para que a rede fosse formada. A idéia de formação de uma rede de emissoras de rádio foi retomada pela Rádio Bandeirantes, em 1958, para a transmissão da Copa da Suécia, a

primeira conquistada pelo Brasil, com a formação da Cadeia Verde-Amarela Norte-Sul do Brasil, que reuniu cerca de 400 emissoras. As dificuldades para as transmissões esportivas, principalmente as internacionais, continuaram durante muito tempo. A situação só começou a melhorar a partir da década de 1970, com a evolução do sistema de telecomunicações brasileiro. Para Schinner (200), as Copas do Mundo do México (1970) e da Alemanha (1974) foram dois importantes divisores de águas, digo, das transmissões esportivas. O autor ressalta que na copa de 1970, três emissoras tinham condições de transmitir os jogos da seleção brasileira: a forma de transmissão foi decidida por sorteio e ficou acertado que cada uma das emissoras teria um narrador fazendo a irradiação da partida pelo tempo corrido de 30 minutos. Por conta do revezamento na narração da partida final da copa de 70, um fato curioso é destacado por Schinner. Enquanto Pedro Luiz narrou apenas um gol, e ficou com o microfone no momento mais delicado da partida, quando o Brasil empatava de um a um com a Itália seu sucessor na transmissão, Joseval Peixoto, teve a oportunidade de narrar os gols da vitória brasileira e da festa pela conquista do tricampeonato mundial de futebol. A realidade atual é bem diferente da vivida por esses pioneiros, as transmissões via satélite, a utilização de telefones celulares como instrumento de apoio são fatores que apontam para um futuro mais tranquilo, tecnicamente, para as transmissões.

O profissional radiofônico

Para se analisar a narração esportiva no rádio é preciso considerar alguns aspectos que não estão diretamente ligados à linguagem do narrador, mas que apresentam certa influência no processo narrativo. Um desses pontos é a formação do narrador esportivo. Geralmente, o narrador é autodidata. Ele aprendeu sozinho o ofício, seja ouvindo rádio ainda durante a infância e imitando seus narradores preferidos, seja como resultado do trabalho em uma emissora de rádio, como evolução profissional, pois boa parte dos narradores começou sua carreira, ou como repórter de campo, ou como plantonista. Hoje, há cursos que ensinam a narração esportiva como os oferecidos pelo Senac, mas a técnica que é passada nem sempre resulta em um trabalho de sucesso, porque narração é algo construído a partir de características pessoais e profissionais do narrador. Outro fator interessante é a questão da regionalização da narrativa. Há diferenças de narração, considerando o Estado em que a emissora está instalada. Em São Paulo, as narrações são mais rápidas, há mais velocidade no narrador, enquanto no Rio de Janeiro, por exemplo, a narração é menos acelerada. A questão que envolve a narração esportiva e suas características regionais leva também a um fator interessante, que merece atenção: o bairrismo. Há uma rivalidade entre alguns Estados que vai além da rivalidade entre os grandes clubes do futebol brasileiro. Parte dessa rivalidade se deve, provavelmente, à realização de torneios que no passado colocaram frente a frente os clubes divididos por regiões, como o Rio-São Paulo, na década de 1960. Essas competições acirraram ainda mais a disputa entre os dois Estados, que já mantinham desde a década de 1930, uma luta pela liderança esportiva no país. Como exemplo dessa rivalidade pode ser citado o fato de que na primeira Copa do Mundo de Futebol, em 1930, no Uruguai, apenas um paulista foi convocado para defender a seleção brasileira, pois a sede da então CBD2, que dirigia o esporte brasileiro, era no Rio de Janeiro, como hoje é a sede da CBF3, que a sucedeu no comando do futebol no país. Essa rivalidade foi assimilada por muitos narradores e, obviamente, pelos torcedores.

Análise do discurso

Para a análise de discurso, o processo de produção da linguagem pode, segundo Orlandi (2000, p.19), ser visto a partir de três campos do conhecimento científico: 1. O materialismo histórico, como formações sociais e suas transformações; 2. A linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Sendo assim, a pesquisadora ressalta que ao observar a linguagem em seu contexto, as condições de produção consideram fatores como o processo parafrásico e o processo polissêmico, em

seu entendimento, fundamentos da linguagem. Assim, o parafrásico é “o que permite a produção do mesmo sentido sob várias formas (matriz da linguagem)”; e o polissêmico, o “responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)” (ORLANDI, 2000, p. 20). Nessa diferença de sentidos, há, porém, um entendimento semelhante dos dizeres, a partir dos conhecimentos comuns dos participantes da interlocução. O processo de comunicação, decorrente da narração esportiva pelo rádio atinge seu objetivo que é o de promover o entendimento dos fatos relatados em campo, mesmo que não da forma como espera o narrador, nem tampouco da maneira que acredita o ouvinte. Diante disso, este trabalho considera a comunicação algo além da transmissão da informação, pois ela não acontece de maneira linear. No caso da narração esportiva, a significação é decorrência da interação entre os interlocutores, que ao conhecerem as características dos códigos utilizados na transmissão esportiva são capazes de promover a codificação e decodificação da língua, pela fala.

Discurso e gêneros discursivos

A denominação Análise de Discurso traz a significação de seu objeto de estudo: o discurso. De acordo com Orlandi (2005, p.15), discurso “é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. É o homem falante, o ser social, mas como agente do discurso, atravessado pela ideologia e formado por uma memória discursiva que o faz estar inserido em um contexto. Se as condições de produção influenciam diretamente a formação discursiva, a narração esportiva no rádio se constitui em um objeto interessante para análise, pois é possível avaliar nela alguns dos conceitos da análise de linha francesa, considerando os fatores da subjetividade existentes em um dizer que, primeiramente, pode ser considerado de improviso, mas que na verdade ocorre a partir de uma série de marcações pré-estipuladas que a compõem. Dentro dessa subjetividade, entende-se haver a singularidade do sujeito que trata, com as palavras, de descrever os acontecimentos diretamente de uma praça esportiva, para milhares de pessoas, no mesmo instante em que fala individualmente para cada um deles. A linguagem radiofônica tem regras que determinam sua formação. Clareza e objetividade são algumas dessas regras. No caso da narração esportiva no rádio, há ainda marcações que passam pela descrição dos lances da partida, feita pelo narrador; a participação de outras pessoas como o repórter de campo, o comentarista e, também, os efeitos que ajudam a dar o ritmo à narração, como vinhetas e trilhas sonoras. O entendimento e a efetivação desse processo de comunicação ocorrem porque os participantes dessa interlocução entendem os componentes desse discurso. As palavras, frases e enunciados fazem parte da formação ideológica dos amantes do futebol, em especial dos torcedores dos clubes envolvidos nas partidas analisadas. O sentido do que é dito pelo narrador esportivo está inserido no enunciado produzido no momento da descrição das jogadas e entendido pelo interlocutor, a partir de sua formação discursiva. A concepção de sentido está longe do conceito de que o enunciado traz consigo significado estável, mas, ao contrário, é reconstruído por aquele que o interpreta. Para Maingueneau, o entendimento do que é dito vai além de domínio de fonemas e sintaxes, é resultado da utilização e mobilização de vários tipos de conhecimentos. “Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável” (2004, p. 20).

Para Bakhtin, as relações humanas estão ligadas à utilização da linguagem, e se efetivam na forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Esses enunciados, na visão do autor, são concretos e únicos e têm relação direta com os campos específicos desempenhados pela atividade humana. Conteúdo temático, estilo e conteúdo composicional são fatores que caracterizam o enunciado e são determinados pelas especificidades de um dado campo de comunicação. Os gêneros discursivos são, de acordo com Bakhtin, tipos relativamente estáveis desses enunciados. “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, aos quais denominamos gêneros do discurso.” (2003, p.262). Quantificar os gêneros discursivos é difícil na visão bakhtiniana, já que para ele, infinitas são as atividades humanas.

Diante dessas colocações, pode-se dizer que a narração esportiva é um gênero de discurso, já que possui enunciados relativamente estáveis, mesmo que cada um deles seja particular e individual. Bakhtin entende a importância de se discutir os enunciados e definir as diferenças entre gêneros discursivos primários e secundários. Os primeiros, considerados por ele como simples, são incorporados pelos secundários, tidos como complexos. Ou seja, para ele, no processo de formação dos chamados gêneros secundários (romances, dramas, pesquisas científicas, por exemplo), surgidos das condições de convívio cultural, complexo, e organizado, há um trabalho de incorporação e reelaboração dos gêneros primários (formados das condições da comunicação discursiva imediata), que acabam se transformando e tendo um caráter diferenciado. A diferença entre os gêneros é significativa, por isso, Bakhtin entende a necessidade de se diferenciá-los e discuti-los. Essa discussão deve considerar como base a natureza do enunciado.

Nesse estudo, em que se aborda um dos gêneros discursivos radiofônicos – a narração esportiva – é possível avaliar os enunciados que os compõem e os efeitos que provocam nos participantes da interlocução. A comunicação se dá como ato social e para ela acontecer deve ter no interlocutor a resposta ao enunciado apresentado. Para isso, é preciso “um contexto através de referências comuns aos interlocutores” (MOURA, 2003, p.51). Nesse ponto, retomamos Bakhtin e seu pensamento quanto à individualidade do enunciado e, conseqüentemente, a do falante, na formação do estilo da linguagem. Para ele, algumas condições de comunicação discursiva são, por serem específicas, geradoras de gêneros, ou de “enunciados estilísticos, temáticos, e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, 266). No caso da narração esportiva, a linguagem utilizada é um dos fatores responsáveis pelo sucesso da interlocução. Contudo, há de se ressaltar que parte desse sucesso está diretamente ligada à ação do interlocutor, do ouvinte, que age de maneira responsiva aos enunciados formados e apresentados pelo narrador. Como responsiva, entende-se a colocação feita por Bakhtin, de que ao ouvir, perceber e compreender o significado do discurso, o ouvinte assume uma postura ativa: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2003, p.271). Essa postura ativa ocorre a partir da posição ocupada pelo ouvinte, enquanto papel social desempenhado no exato momento em que a partida de futebol está ocorrendo e sendo transmitida pela emissora de rádio que ele escolheu para ouvir. Naquele instante, ele ocupa o papel, na maioria das vezes, de torcedor. Longe dos estádios, e sem o apoio da TV, ele, o narrador, são seus olhos e, no discurso apresentado por ele, a oportunidade de saber o que ocorre em campo, naquele momento. Nesse aspecto, o ouvinte de rádio é participante do processo de comunicação como ser social e conhecedor do gênero de discurso narração esportiva, presente no gênero discursivo rádio. Conhecendo tais gêneros, suas características (mesmo que não o entenda como gênero discursivo a partir dos conceitos aqui definidos), e a forma como se utiliza da língua para o efetivo exercício da comunicação, o interlocutor é capaz de dar continuidade no processo de comunicação ao decodificar a mensagem transmitida a partir de códigos comuns aos participantes deste processo, ou de enunciados comuns a eles.

Linguagem radiofônica

O rádio, como já foi dito, é um veículo de linguagem oral. Inicialmente, pode-se imaginar que tal afirmação pode resumir suas características, mas o pensamento nesse sentido é simplista demais para um veículo cuja capacidade de penetração, de interação e até manipulação, é tão grande. A questão mostra-se complexa no momento em que se analisa o veículo rádio a partir de algumas características particulares, como citou Ortriwano (1984), entre elas o fato de ter grande penetração, de ser promovida a partir do baixo custo de emissão e recepção; de permitir mobilidade, tanto para quem emite (um repórter que está na rua, por exemplo), quanto para quem recebe a informação; de ser imediatista, para o narrador, o que permite acompanhar os fatos no momento em que eles acontecem; de haver instantaneidade, para o receptor, o que permite acompanhar os fatos no instante em que a mensagem é transmitida; de haver a sensorialidade, que envolve o ouvinte e cria nele a imagem mental do que se está descrevendo; e, finalmente, de promover autonomia, que permite a audição em qualquer lugar, inclusive de maneira individualizada (com fones de ouvido): com o advento do transistor, os grandes aparelhos deram lugar aos pequenos equipamentos, inclusive os portáteis. Essas

características contribuem para que o rádio seja capaz de se fazer entender por qualquer um que se interesse em ouvi-lo. Em relação à linguagem, Cabello entende que o texto radiofônico, além da correção gramatical, precisa apresentar adequação a essas características.

Para transmitir a mensagem radiofônica, o radialista faz uso, além do texto, de vários outros recursos. Na formação dessa linguagem específica deve-se considerar o rádio como suporte midiático, mas como ressalta Maingueneau, não apenas como meio de transporte da mensagem, mas também como modificador dessa mesma mensagem. Para ele, “o modo de transporte e recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso” (2004, p.72). E no caso da linguagem radiofônica, isso se dá pelas escolhas do que dizer, em que momento, e por qual razão (como será explanado na análise). Ortrivano (1985, p.81) ressalta que a mensagem radiofônica pode ser analisada a partir de alguns aspectos postulados por Angel Faus Belau, em função do meio, dos componentes da mensagem, do ouvido e do receptor. Esses aspectos podem ser considerados também como fatores importantes para o que se pretende com este trabalho, já que a AD entende os meios de produção, a formação do sujeito e sua realidade sócio-histórica como ferramentas de análise. É necessário, ainda, levar em conta que a formação dessa linguagem utiliza também outro item que, muitas vezes, passa despercebido, que é o silêncio. Nesse caso, o entendimento de silêncio é o defendido por Orlandi: de que ele é fundante, ou seja, ele surge primeiro como significação, enquanto a linguagem seria o que ela chama de “categorização do silêncio. É movimento periférico, é ruído” (ORLANDI, 2000, p.34). Para ela, a fala divide o silêncio e também o organiza. Nesse sentido, sem a fala, o silêncio é contínuo, no mesmo instante em que não é duradouro, pois é dividido pelas palavras.

A linguagem supõe, pois a transformação da matéria significativa por excelência (silêncio) em significados apreensíveis, verbalizáveis. Matéria e formas. A significação é um movimento. Errância do sujeito, errância dos sentidos. A junção de todas essas possibilidades faz da linguagem radiofônica algo bastante peculiar (Orlandi, 1992, p.35).

Por tais razões, o locutor de rádio precisa, para obter sucesso, dominar todas essas ferramentas de produção do discurso radiofônico para conseguir junto ao ouvinte sucesso na transmissão de suas mensagens: a correção gramatical, o silêncio, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade, a individualidade e penetração. Mas não basta apenas pensar e falar, pois a construção da mensagem, a partir de todas as características citadas, ainda precisa considerar o ouvinte como um ser real, concreto, com pensamentos, sentimentos, visão de mundo e uma formação ideológica, decorrente de sua criação, educação e experiências pessoais, como será visto e analisado mais à frente.

A chamada linguagem radiofônica foi sendo formada ao longo dos anos. Não foi algo que se criou. Basta lembrar que no início, como já foi abordado, o rádio falava para a elite, as transmissões tinham uma linguagem rebuscada, afinal, se tratavam de óperas, musicais e até discursos políticos. A profissionalização do rádio e a disputa pela audiência foram fundamentais para que se formasse uma linguagem própria, capaz de atingir todas as pessoas.

Na criação da interlocução, o radialista precisa entender sua função comunicativa e a necessidade de domínio de todas essas ferramentas. Ao considerar a dialogia bakhtniana citada por Brait (2005, p.156), ressalta-se que nesse processo comunicacional, há uma interação ativa entre locutor e ouvinte e não um simples transporte de mensagem do emissor para o receptor. Logo, como participante deste diálogo, o interlocutor é um agente que interfere nesta comunicação, pois o que vai ser dito a ele deverá considerar não só seu conhecimento prévio e o código utilizado, mas sua possibilidade de interação decorrente da forma como vai receber a mensagem, decodificá-la e se manifestar diante dela. Isso sem contar contexto, repertório e ideologia. A partir desse papel ativo do ouvinte, tais questões precisam ser consideradas pelo locutor no momento de formulação dos enunciados. Outra questão é a apresentada por Maingueneau para quem não existe a garantia do entendimento do enunciado exatamente como ele foi concebido. No caso do rádio, esses aspectos devem ser considerados simultaneamente, pois a produção enunciativa se dá, muitas vezes, por meio do improviso. Diante da necessidade de criar na imaginação do ouvinte de rádio as imagens do que se está descrevendo, ou as sensações que estão sendo relatadas, alguns aspectos discursivos precisam ser

considerados, como o dito e o não dito, o pressuposto e subtendido, as marcas enunciativas, as cenas da enunciação.

Linguagem Radiofônica Esportiva e Narração Esportiva

Traçadas as características básicas da linguagem radiofônica, cabe, então, entender o funcionamento da linguagem radiofônica esportiva. Mesmo que sua formação leve em conta a maior parte das características já citadas, há questões bastante específicas e que devem ser observadas. O início de tal abordagem pode ser feito a partir da seguinte afirmação “A linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. O surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos”, feita pelos jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006, p. 54). A colocação deixa claro que, em praticamente todas as esferas, a linguagem radiofônica é uma construção histórica, a partir da contribuição direta de todos aqueles que trabalharam no veículo ao longo de décadas. Já narração esportiva de futebol, no rádio, tem características próprias, que vão além do improvisado natural, como a utilização de metáforas, apócoses, a velocidade e a forma como as palavras são pronunciadas. Há marcadores linguísticos que contribuem para fluência narrativa e o entendimento do interlocutor que acompanha as transmissões, seja no carro, em casa, ou no próprio estádio. Conhecedor da dinâmica de uma partida de futebol, o ouvinte/interlocutor tem condições de entendimento dos enunciados realizados pelo narrador. A narração esportiva tem mostrado, ao longo dos anos, eficiência em sua proposta comunicativa de levar até o ouvinte os detalhes dos acontecimentos registrados durante uma partida de futebol. Prova disso, é que, como já foi dito, é um dos gêneros radiofônicos mais antigos. O estabelecimento dessa interlocução, apesar da ausência da comunicação face a face, cria uma relação afetiva, pautada pela emoção, entre locutor esportivo e o radiouvinte, o que determina fidelidade entre ouvinte e narrador. À sombra da análise da subjetividade presente na narração esportiva realizada nas emissoras de rádio AM, e da singularidade do narrador, responsável pelo enunciado narrativo, observam-se as condições de produção e os fatores que interferem nas escolhas que formam texto oral e que acabam criando um estilo narrativo. Para Capinussú (apud SOARES, 1994), um desses fatores é a necessidade de fugir do lugar comum e criar maneiras de atrair o ouvinte, por conta da luta pela audiência.

O linguajar diferente do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir do comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até a incessante luta pela conquista de maior audiência. Esse fato leva, inclusive, à necessidade de atrair ouvintes através da auto-afirmação capaz de criar uma terminologia às vezes inédita, que caracterize a busca da marca pessoal do comunicador... (CAPINUSSÚ apud SOARES, 1994, p.79).

A colocação feita por Capinussú vai ao encontro da proposta deste trabalho, que é encontrar no discurso narrativo esportivo a singularidade do narrador, diante de um gênero que é formado pela participação de outros elementos que são essenciais para promover a fluência narrativa, que são os repórteres, plantonistas e comentaristas, cujas funções serão explicadas à frente. Para isso, entenda-se narração esportiva como um elemento que compõe o gênero de discurso de algo maior, que é a transmissão esportiva no rádio. Tais transmissões são chamadas de “jornadas esportivas” e compreendem os momentos que antecedem o início efetivo dos jogos, a sua realização e certo período após o término do enfrentamento entre as equipes. Ao analisar tudo o que precede e ocorre após um jogo de futebol e sua cobertura pelo rádio, é possível perceber que a transmissão de uma partida não é apenas um acontecimento esportivo isolado, é um evento promovido ao longo de todo o dia, quando produtores, repórteres, narradores e comentaristas voltam suas atenções para a partida. Esse trabalho ocorre em paralelo com os outros afazeres que o rádio esportivo requer, pois os programas que compõem a grade da emissora, fora a jornada esportiva, continuam no ar e contam com a participação desses profissionais, que têm de preparar materiais diversos para atender a todas as demandas. Cada emissora possui uma estrutura e uma rotina para as jornadas esportivas. Algumas têm jornadas que duram cinco, seis horas, enquanto outras realizam apenas a transmissão da partida e,

desse modo, as jornadas acabam tendo menos tempo, geralmente entre duas horas e meia e três horas. Há emissoras que fazem o trabalho de cobertura dos acontecimentos das chamadas concentrações, que são os locais onde os jogadores ficam reunidos momentos antes de se dirigirem ao estádio de futebol. Desses locais são realizadas entrevistas com atletas, membros das comissões técnicas, tudo para criar o clima do jogo e prender a atenção e promover a fidelidade do ouvinte à rádio. Esse tipo de acompanhamento ocorre, principalmente, em partidas chamadas de clássicos, que reúnem equipes tradicionais e que possuem uma rivalidade antiga, clássica, dentro do mundo do futebol. O auge deste tipo de cobertura ocorre nas decisões de campeonato. Há quem defenda mudanças para essa rotina, como é o caso dos jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, para quem a falta de um debate maior entre jornalistas, estudantes e dirigentes é responsável por modelos que ele chama de “arcaicos” de transmissão e que vêm sendo reproduzido pelos jornalistas mais novos. Para eles, é preciso inovar (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p 74). Mas essa discussão não é o foco deste trabalho, que tem como objeto de análise a narração esportiva, que ocorre com o início dos jogos. Apesar disso, ressalta-se que entender a dinâmica de uma jornada é um facilitador para se compreender este gênero discursivo e suas condições de produção. A jornada esportiva é conduzida pelo chamado “âncora”, que está dentro do estúdio, e que é responsável pela condução dos trabalhos, como um maestro, que tem de ditar o ritmo desse momento da transmissão. É ele quem chama a entrada no ar dos repórteres, do comentarista e até do narrador, antes da participação em definitivo da praça esportiva em que ocorre a partida. O trabalho do âncora se estende até que a jornada passe a ser conduzida direto do estádio onde vai ser realizada a partida. Não há uma regra exata para o momento da passagem do comando da transmissão da jornada para o narrador, há variação de emissora para emissora. Geralmente, meia hora antes é considerado um bom tempo para essa mudança, mas há casos em que ela ocorre ao faltarem cinco, dez minutos para o início do jogo. Ao receber o comando da jornada esportiva, o narrador passa a ser o maestro do espetáculo esportivo, é ele quem vai ditar o ritmo dos trabalhos. Novamente, o que se observa é uma segunda abertura da jornada, agora feita pelo narrador, já que a primeira é feita pelo âncora. Essa abertura ocorre sempre em um clima de grande alegria, em um tom de voz alto, empolgante, na tentativa de cativar o ouvinte. A partir desse momento, inicia-se efetivamente a transmissão da partida, com a movimentação dos repórteres, comentaristas e plantonistas. A transmissão esportiva, ou narração, é um gênero discursivo dentro do gênero radiofônico e possui personagens com características e funções bem definidas e que contribuem para o entendimento das condições de produção do discurso narrativo esportivo de uma partida de futebol.

O narrador, assim como o âncora, já teve sua função definida. Já o repórter de campo é responsável por um dos elementos mais importantes da jornada, a reportagem que, segundo Barbeiro, “é a alma, a essência do jornalismo”:

É o repórter esportivo que tem a responsabilidade de fornecer as informações a respeito das equipes, do relato dos acontecimentos que antecedem a partida, como a chegada das equipes ao campo de jogo; a movimentação das torcidas, dentro e fora dos estádios; as reportagens utilizadas antes do início dos jogos, a descrição das jogadas, uma série de outras informações de apoio ao trabalho do narrador, durante a transmissão, as entrevistas antes e depois das partidas – enquanto as equipes ainda estão em campo – e junto aos vestiários dos times, após os jogos. Outro personagem da transmissão esportiva é o comentarista, responsável pela análise do jogo. Para Barbeiro e Rangel, uma posição considerada nobre pela possibilidade de emitir opinião. O plantão esportivo é responsável por informar o resultado de outros jogos, a realização de partidas de outros campeonatos, eventos e outras informações esportivas relevantes. A narração esportiva é, portanto, apenas um dos elementos do discurso esportivo do rádio, mas se concretiza com a junção de todos os elementos e personagens citados. A forma como todos esses fatores se relacionam, interagem é que compõe a narração esportiva.

Apresentação e análise do corpus

No caso da amostra colhida para este trabalho, considera-se a dinâmica de duas rádios com posturas diferentes na cobertura de uma partida de futebol. Elas possuem propostas de programação diferentes.

Enquanto a CBN tem uma programação voltada exclusivamente à divulgação de notícias, a Record possui uma linha mais popular. No caso da transmissão de futebol, porém, há uma base comum que é a centralização na figura do narrador. Com isso, entende-se ser possível trabalhar com realidades diferentes, não só por se tratarem de jogos diferenciados, mas com estilos de transmissão que se diferem. Para isso, serão consideradas as condições de produção de cada uma. Como condições de produção, consideramos os conceitos defendidos por Orlandi (2005, p.30-31) sobre: a) sentidos estritos, que se referem aos imediatos, referentes ao campo de jogo; b) os amplos, que consideram os efeitos da sociedade, e, nesse caso, as relações entre torcidas, jogadores, equipe esportiva e ouvintes. Como a análise será feita a respeito da subjetividade e da singularidade do narrador, acredita-se que será possível observar como conduzem a jornada, não só por estarem em emissoras diferentes, mas por estarem falando realidades diferenciadas conduzidas por questões regionais, motivadas pelo que se costuma chamar de bairrismo no futebol, diante da rivalidade existente entre os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. No caso da partida entre Corinthians e Palmeiras transmitido pela rádio CBN, a rivalidade histórica entre as duas equipes coloca em xeque a imparcialidade do narrador diante das duas torcidas, já que seus ouvintes tendem, em grande maioria, a ser em torcedores de qualquer um dos dois times. Com relação ao jogo entre Corinthians e Botafogo, transmitido pela rádio Record, a situação é um pouco diferente, já que por se tratar de uma emissora paulista, a possibilidade é de que os ouvintes dessa partida sejam, em grande maioria, torcedores do Corinthians. Sendo assim, para o torcedor, ouvinte e interlocutor, pode haver a expectativa de que haja um posicionamento parcial do narrador, em prol do time paulista. O confronto entre Corinthians e Palmeiras foi realizado no estádio do Morumbi, também na cidade de São Paulo, no dia 23 de setembro, válido pela 30ª rodada do torneio nacional. Naquele momento da competição, o Corinthians continuava a briga para fugir da zona de rebaixamento e o Palmeiras para ficar entre os quatro primeiros colocados e conquistar uma vaga para a Taça Libertadores da América de 2008. Já o jogo entre Corinthians e Botafogo foi realizado no dia 16 de setembro, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, e foi válido pelo segundo do campeonato Brasileiro de 2007. A partida foi válida pela 26ª rodada da competição e o Corinthians brigava para não ficar entre os que corriam o risco de rebaixamento à série B5 do campeonato, enquanto o Botafogo lutava para estar entre os quatro primeiros colocados da competição. A partida entre Corinthians e Palmeiras, transmitido pela rádio CBN, é narrado por Deva Pascovicci, com reportagens de André Sanches e Jesse Nascimento, comentários de Victor Birner e plantão esportivo de Reinaldo Moreira. O jogo entre Corinthians e Botafogo, irradiado pela Rádio Record, tem como narrador Dirceu Maravilha, repórteres Vanderlei Lima e Bruno Mendonça; comentarista, Paulo Roberto Martins, e plantonista, Rafael Spinelli.

Análise do Corpus

Jogo Corinthians e Botafogo

Começamos a análise pelos minutos iniciais da partida, quando o narrador, Dirceu Maravilha, ainda está criando o clima do jogo e trabalhando para manter atenção do ouvinte. Isso fica claro pelas primeiras colocações e pela apresentação da equipe esportiva.

Dirceu Maravilha: este é o futebol do Brasil da Record, e agora nós vamos pra 90 minutos de muita emoção no seu rádio. Muita emoção pra você conferir. Será que vai dar Corinthians? A galera vai comigo pra curtir Corinthians e Botafogo. Botafogo e Corinthians, aqui com Paulo Roberto Martins, com nosso Bruno Mendonça, com Vanderlei Lima, Luis Pereira, acompanhando toda a rodada desse campeonato brasileiro. Aqui, quatro da tarde mais quatro minutos, horário do Brasil. Quem vai começar o jogo no estádio do Pacaembu, o atacante Finazi. Perto dele também tá Arce. Alô, alô Brasil bola rolou, rolou, em gol. 6

Observa-se, primeiramente, que, logo no começo do jogo, o narrador estabelece com o interlocutor o que Maingueneau chama de contrato, próprio do gênero discursivo que “exige daqueles que dele participam a aceitação de certo número de regras mutuamente conhecidas e as sanções para quem as transgredir” (2003, p. 69). Nesse caso, ele assume uma relação de comprometimento com o

ouvinte/interlocutor. Ao afirmar que serão “90 minutos de muita emoção no seu rádio. Muita emoção pra você conferir” e que “A galera vai comigo curtir Corinthians e Botafogo”, ele está prometendo emoção suficiente para que o torcedor sintonizado naquela emissora permaneça ouvindo a transmissão pelos 90 minutos de jogo. Nesse sentido, o contrato é firmado quando o ouvinte/interlocutor subscreve de forma antecipada sua aceitação ao proposto, ao permanecer com o rádio sintonizado nessa emissora. A repetição de palavras, e até de frases inteiras, além de ser marca da oralidade, pode ser entendida na narração esportiva como um recurso estilístico. Nesse sentido, consideremos as colocações feitas por Possenti, para quem estilo não pode ser visto apenas como uma forma utilizada para se adequar ao contexto, mas escolhas do locutor. Nesse jogo de palavras, é o locutor quem decide o caminho a seguir, mas a palavra tem efeitos de sentido e isso deve ser levado em conta. É o que ele faz, ao optar por uma construção de frase que lhe permite prever os efeitos que pode provocar no interlocutor. Ao optar por “bombaça” e “paulada”, ao invés de chute forte, por exemplo, ele não apenas está adequando a frase ao contexto, ou seja, à chegada com perigo e à possibilidade de gol criada pelo Corinthians, como também está fazendo uma escolha, entendendo que esta colocação vai criar no interlocutor a sensação, a emoção, do gol quase marcado.

Jogo Corinthians e Palmeiras

Assim como na análise da partida anterior, começamos pelos primeiros minutos de jogo. Com isso, é possível comparar se narradores e emissoras diferentes agem de maneiras semelhantes ou não neste primeiro período para manter a atenção do ouvinte/interlocutor.

Deva Pascovicci: Atenção ouvinte da Rede CBN, em todo o Brasil, vai começar o jogo aqui no Morumbi. Nesse momento, respeitando um minuto de silêncio. Já, já vem informação pra você ouvinte da rede CBN. Lembrando que você fique à vontade no site da CBN, www.cbn.com.br interage com a gente até as sete da noite hoje, até ou até depois do apito com Reinaldo Moreira, logo depois do futebol. Pois não André.

André Sanches: homenagem póstuma a Mário Bala, repórter da rádio transamérica aqui de São Paulo e também à dona Cirlei, mãe do atacante Edmundo.

Ao contrário da abertura feita pela rádio Record, por meio do narrador Dirceu Maravilha, a que foi feita por Deva Pascovicci foi menos apelativa do ponto de vista da suposta paixão do torcedor pelo seu time. Não houve a promessa de emoção, não foi firmado o contrato entre narrador e interlocutor, dentro do entendimento de Maingueneau (2004, p.69) de que há cooperação entre os participantes da interlocução e normas a serem seguidas. Percebe-se também uma preocupação do narrador com o ouvinte, mas a tentativa de prender sua atenção se dá chamando-o a interagir com a equipe por meio do site da emissora.

Considerações finais

As narrações esportivas constituem um gênero discursivo, que faz parte do gênero do discurso radiofônico. A sua formatação segue regras definidas, quanto à participação e envolvimento de toda a equipe esportiva, ao longo da transmissão. Com papéis definidos por meio das funções que desempenham, cada um se encontra na cena enunciativa em conformidade com aquilo que se espera dele, enquanto sujeito que ocupa um lugar específico, e de onde realiza o seu discurso. O ouvinte, ao

acompanhar a transmissão de futebol pelo rádio, espera que cada um de seus interlocutores cumpra com o papel para o qual se dispôs, ao assumir a função que desempenha naquele momento, seja ele narrador, repórter, plantonista, ou comentarista. Se de cada um, o ouvinte/torcedor espera um discurso condizente com o lugar que ocupa. Seus dizeres, por mais únicos que possam acreditar seus realizadores, são atravessados por outros.

discursos que os antecederam, instante em que ocorre chamado esquecimento ideológico, que é o que permite que cada um se veja como senhor do que diz (Orlandi, 2005) . Nesse processo de esquecimento, o narrador, por exemplo, entende que é dele a definição da ordem de fala dos demais membros da equipe, já que é ele o comandante da jornada esportiva. Porém, é o discurso da narração esportiva que deter mina a ordem de participação, seguindo a importância do que deve ser dito, diante da importância do que acontece, no exato instante em que um fato ocorre em campo.

O papel social de cada um na narração esportiva pode ser visto como determinante para o entendimento do discurso que é apresentado pelo rádio, durante as jornadas esportivas. Afinal, se o rádio é relacionamento, foi a relação entre os participantes dessa interlocução que esperamos tenha sido um dos fatores possíveis de compreensão com este trabalho. Ao entendermos os realizadores da interlocução como sujeitos conhecedores dos códigos utilizados, e da forma como são utilizados, podemos compreender ação e reação, atitude e resposta, a partir daquilo que a Análise de Discurso permitiu observar como processo de criação de discurso e formação de sentidos. Sabedores dos fatos que ocorrem durante uma partida de futebol, da relação entre jogadores, visão espacial do campo de jogo, narrador e ouvinte conseguem realizar a interlocução, há interação. Cada lance de perigo narrado por aquele que tem a função de descrever as jogadas é entendido pelo interlocutor a partir das emoções que são criadas por quem descreve. A interação acontece quando a resposta ocorre, mesmo que haja a ausência da comunicação face a face. Em um momento de perigo de gol, a elevação do tom da voz do narrador, o aumento da velocidade da fala, são fenômenos que provocam reações no ouvinte, seja ansiedade pelo gol que está por vir, se for a favor do time pelo qual torce; seja medo de que a oportunidade se concretize em gol, contra seu time. Nesse ponto, chamamos a atenção da intencionalidade quanto à utilização do pronome possessivo seu. O torcedor entende o time de futebol como algo dele, como se ele fosse participante do clube, do time e do jogo. Essa relação pode ser estendida para a transmissão da partida. O ouvinte, ao escolher uma emissora para sintonizar, e um locutor para acompanhar entende aquela transmissão como se fosse para ele, algo além da individualidade que o veículo permite, é uma questão de exclusividade e até de posse. É possível entender que narrador compartilha desse sentimento. A forma como conduz a jornada, como se refere ao ouvinte, a relação que tenta criar, sempre que possível, deixa clara a tentativa de destinar ao seu interlocutor a importância que ambos, narrador e ouvinte, acreditam que ele possui. Para todos esses momentos e na busca da interação com ouvinte, o narrador utiliza-se de ferramentas já estabelecidas pelo gênero do discurso transmissão esportiva, como slogans, vinhetas, efeitos sonoros e frases específicas. O imprevisto acontece, mas há mar cações definidas, há regras seguidas. Nessa relação entre o preestabelecido e o imprevisto é que o narrador se marca como sujeito. Há as escolhas e é a partir delas que ele consegue se impor.

Referências

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1979.

BARBEIRO, H.; RANGEL, E. Manual do jornalismo esportivo. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, B. Bakhtin: conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

CABELLO, A. R. G. A expressão verbal na linguagem radiofônica. In: Del Bianco, Moreira (Orgs.). Rádio no Brasil: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: UNB, 1999.

CASTRO, S. T. R. Prefácio for. In: GALVÃO JÚNIOR: Ações teóricas e Práticas de Linguística Aplicada e de Comunicação Social. Taubaté: Papel Brasil, 2003

- _____. Apresentação for. In: Castro S.T.R.: Pesquisas em Lingüística: Aplicada: Novas Contribuições. Taubaté. Cabral, 2003.
- COSTELLA, A. Comunicação: do Grito ao Satélite. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.
- DUARTE, O. Rádio Esportivo: sempre Transmitindo Emoções. Revista USP: 80 Anos de Rádio, São Paulo, SP, p. 30-35, 2002/2003.
- FERRARETTO, L. Ar. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.
- _____.; KOPLIN, E. Técnica de redação radiofônica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1992.
- GALVÃO JÚNIOR, L. C. (Org.). Ações teóricas e Práticas de Lingüística Aplicada e de Comunicação Social. Taubaté: Papel Brasil/ Unitau, 2003. p.29-48.
- GIRALDELO, Claudete M. Leitura, subjetividade e singularidade. PASCHOAL-LIMA, Regina C. de C. (org.). Leitura: múltiplos olhares. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob.
- JUNG, M. Jornalismo de rádio. São Paulo: Contexto, 2004.
- LOBATO, L. M. P. Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Termos chaves da análise do discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MASCIA, A.A. Márcia. Investigações na Pós-Modernidade: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional em língua estrangeira. Campinas, SP. 2003.
- MOITA LOPEZ, L. P. Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social dos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado das Letras 1996.
- MONTEIRO, R. L. Linguagem radiofônica: uma interação entre o escrito e falado. In: MOREIRA, Sonia Virgínia. A porção Carioca do Rádio Brasileiro. Revista USP: 80 Anos de Rádio, São Paulo, SP, p. 42-47, 2002/2003.
- MOURA, J. J. R. O não verbal como argumentação no enunciado radiofônico. In: GALVÃO JÚNIOR, L. C. (Org.). Ações teóricas e Práticas de Lingüística Aplicada e de Comunicação Social. Taubaté: Papel Brasil/ Unitau, 2003. p. 49-62.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso, princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.
- ORTRIWANO, G. S. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- POSSENTI, S. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PORCHAT, M. E. Manual de radiojornalismo Jovem Pan. São Paulo: Ática, 1989.
- SCHINNER, C. F. Manual dos locutores esportivos. São Paulo: Panda Books, 2004.